

## SEÇÃO 2

### Evasão Escolar e o Tempo do Extrativismo do Açaí

*Deserción Escolar y el Tiempo del Extractivismo del Açaí*

*High School Dropout and the Time of Açaí Extractivism*

Maria Madalena Oliveira dos Santos

**Resumo:** Este artigo analisa a evasão escolar no período de safra do açaí na Escola Municipal Maria Leopoldina Miranda de Castro, situada na comunidade quilombola de Gurupá, Cachoeira do Arari (PA). A pesquisa articulou revisão bibliográfica e trabalho de campo (2019), com relatos de moradores e informações da ARQUIG (Associação dos Remanescentes do Quilombo de Gurupá). Os resultados indicam que a evasão e a infrequênciia se intensificam no segundo semestre, sobretudo entre setembro e dezembro, quando o trabalho extrativo e a venda do excedente se tornam centrais para a renda familiar. A necessidade de garantir alimentação e outros bens de consumo faz com que a escolarização seja temporariamente menos priorizada. Defende-se a construção de alternativas pedagógicas e socioeconômicas capazes de reduzir a interrupção dos estudos.

**Palavras Chave:** Evasão Escolar. Extrativismo do Açaí. Safra. Trabalho Familiar. Amazônia.

**Resumen:** Este artículo analiza la deserción escolar durante el período de cosecha del açaí en la Escuela Municipal María Leopoldina Miranda de Castro, ubicada en la comunidad quilombola de Gurupá, en el municipio de Cachoeira do Arari (PA, Brasil). La investigación combinó revisión bibliográfica y trabajo de campo realizado en 2019, con relatos de residentes y datos de la ARQUIG (Asociación de los Remanentes del Quilombo de Gurupá). Los resultados indican que la deserción y el ausentismo se intensifican en el segundo semestre, especialmente entre septiembre y diciembre, cuando el trabajo extractivo y la comercialización del excedente se vuelven centrales para el ingreso familiar. La necesidad de garantizar alimentación y otros bienes de consumo hace que la escolarización sea temporalmente menos priorizada. Se defiende la construcción de alternativas pedagógicas y socioeconómicas para reducir la interrupción de los estudios.

**Palabras Claves:** Deserción Escolar. Extractivismo del Açaí. Cosecha. Trabajo Familiar. Amazonía.

**Abstract:** This article examines high school dropout during the açaí harvest season at Maria Leopoldina Miranda de Castro Municipal School, located in the quilombola community of Gurupá, in the municipality of Cachoeira do Arari (Pará, Brazil). The study combined a literature review with fieldwork conducted in 2019, including residents' accounts and data from ARQUIG (Association of the Remnants of the Gurupá Quilombo). The findings show that dropout and absenteeism increase in the second semester, particularly between September and December, when extractive labor and the commercialization of surplus production become central to household income. The need to secure food and other consumer goods leads to schooling being temporarily less prioritized. The article argues for pedagogical and socioeconomic alternatives capable of reducing interruptions in schooling.

**Keywords:** High School Dropout. Açaí Extractivism. Harvest Season. Family Labor. Amazon.

**Maria Madalena Oliveira dos Santos** – Educadora quilombola de Gurupá (Cachoeira do Arari/PA). Associada ao Instituto de Pesquisa do Projeto Cartografando Saberes (IPPCS).

### INTRODUÇÃO

No município de Cachoeira do Arari, situado no arquipélago Marajó no Pará, mais precisamente na comunidade quilombola de Gurupá, as iniciativas para estabelecer uma educação de qualidade voltadas para os alunos da zona rural (ribeirinhos) que, no período da safra do açaí, abandonam a sala de aula, ainda perpassam gerações. Desde minha infância na escola, já ouvia professores comentarem sobre a ausência de alunos em sala de aula; porém, foi após minha formação acadêmica e ingresso na docência que deparei com a evasão escolar de forma mais acentuada.

Evasão e abandono escolar culminam num problema nacional devido às consequências para a sociedade como um todo. É fundamental, portanto, que os fatores que influenciam na incidência e na manutenção de tais problemas em ambiente escolar sejam diagnosticados e tratados para que cada vez mais jovens concluam a educação básica. (AURIGLIETTI; LÖHR, 2014, p. 2)

A evasão escolar configura-se como um problema educacional de abrangência nacional, caracterizado pela ausência de crianças e jovens no espaço escolar. Dados do Censo Escolar 2018 indicam que cerca de 2 milhões de crianças e adolescentes estão fora da escola (MAES, 2019, n.p.). Em consonância com esse cenário, observa-se que a evasão escolar também afeta de forma significativa adolescentes e jovens matriculados em escolas públicas situadas nas áreas ribeirinhas da região Amazônica brasileira.

Diante desse cenário, segundo observações e escutas de relatos cotidianos, percebe-se que os alunos do sexo masculino são os mais atraídos para o trabalho nesta atividade extrativa, visto que são mão de obra regimentada para o trabalho.

O presente trabalho busca indicar tais problemáticas no contexto escolar e principalmente realizar adequações do currículo escolar que contemplem esses alunos. Além de encontrar meios para solucionar e, antes de tudo, pensar na aprendizagem dos alunos por meio de políticas públicas.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso e as reflexões aqui efetivadas são fundamentadas dos seguintes autores e autoras: Freire (1987); Kruppa (1994); Loureiro (2002); Ruzany, Moura, Meireles (2012); Oliveira (1996); Lima (2005).

No primeiro tópico, observaremos a Amazônia marajoara: o modo de vida extrativa, tendo, como principal produto do extrativismo vegetal, o açaí: a safra do mesmo que contribui na renda familiar onde os principais membros da família que realizam o cultivo do fruto são os jovens.

No segundo tópico, temos o município de Cachoeira do Arari no contexto da Amazônia, a comunidade de Gurupá, do mesmo município, uma comunidade quilombola e ribeirinha onde sua maior concentração de renda está no cultivo do açaí.

Já nos dois tópicos finais, temos o tempo da safra do açaí e a evasão, com pontos sobre como contornar a evasão e a construção de etnoccírculos para pedagogia quilombola e ribeirinha.

Esta pesquisa acadêmica tem por objetivo discutir a evasão escolar que ocorre no período de safra do extrativismo do açaí na escola Maria Leopoldina Miranda de Castro, localizada na comunidade quilombola de Gurupá, do município de Cachoeira do Arari/PA.

Esta investigação tem por objetivos específicos analisar a temática da evasão escolar na busca de apresentar possíveis caminhos para enfrentar este problema que a referida escola enfrenta,



e também compreender quais medidas a Secretaria Municipal de Educação está planejando tomar para o enfrentamento do problema.

Os alunos nesta faixa etária geralmente abandonam a sala de aula quando chega o tempo do extrativismo do açaí, que é um meio de trabalho que garante o sustento familiar. O maior índice dessa evasão é observado no segundo semestre, quando aumenta a demanda pela mão de obra do peconheiro<sup>1</sup> por parte dos proprietários de açaizais.

Neste estudo que aborda a evasão escolar, além dos grandes problemas para o aluno, no que tange ao processo de formação de conhecimentos leitura/escrita, apresento também evidências dos graves perigos enfrentados por todos que se arriscam neste trabalho, muitas vezes, sem condições mínimas de segurança para exercê-lo.

A princípio, foi realizada a pesquisa de campo na Associação Remanescente de Quilombo de Gurupá (ARQUIG), em seguida, na escola Maria Leopoldina Miranda de Castro e na Secretaria Municipal de Educação (SEMED) entre maio e junho de 2019.

Após pesquisas, observa-se ausência de políticas públicas voltadas às famílias de baixa renda na região amazônica brasileira, especificamente em Gurupá, Marajó, para ribeirinhos que vivem do extrativismo, que acabam deixando a escola para trabalhar.

Também identifica-se a problemática referente aos acidentes sofridos pelos peconheiros e suas consequências. Nesse aspecto, aborda-se, também, a importância da família e da escola em todo esse contexto, na busca de meios que favoreçam o aprendizado dos jovens e adolescentes de toda a comunidade.

## 1. Amazônia Marajoara: o modo de vida extrativista

A Amazônia apresenta condições que são singulares no mundo. Uma de suas principais características é a população ribeirinha e o seu modo de vida. Essa população vive da pesca, da agricultura e do extrativismo para sua sobrevivência e precisam de uma interação com a natureza local, pois ela fornece os meios de onde se tira o seu alimento para sua reprodução diária. A natureza fornece uma enorme variedade de produtos, várias espécies de peixes e frutos da floresta (PONTE, 2013).

O trabalho interagindo com a natureza, para esses habitantes, é de suma importância, pois os mesmos vivem do extrativismo da região, percorrendo os igarapés<sup>2</sup> para pesca e, na terra, buscando fazer pequenas plantações para extraír principalmente a mandioca. Na Amazônia ribeirinha, a alimentação das famílias tem como base o plantio de dois alimentos principais: a mandioca e o açaí, que são complementados com a caça, a pesca, e a criação de pequenos animais, além do cultivo de hortaliças tradicionais e o extrativismo (PONTE, 2013).

A população da Amazônia tem como característica primordial o modo de vida ribeirinho vivendo sempre à beira dos rios e igarapés, a maioria dessa população era composta às vezes de uma única família ou um grupo de duas ou quatro casas. Para sobreviver à beira do rio exigia daquelas pessoas um bom conhecimento sobre a natureza. (LOUREIRO, 2002, p. 17)

<sup>1</sup> Peconheiro: a pessoa que colhe o açaí na palmeira do açaizeiro. Trabalhadores que utilizam a peconha, que é um utensílio rudimentar amazônico similar a um cinto, utilizado na escalada de árvores e pode ser feito das folhas do pé de açaí.

<sup>2</sup> É um pequeno afluente de um determinado rio que sofre influência das marés.

## SEÇÃO 2

O açaí é um produto do extrativismo vegetal de grande importância para o mercado paraense e que faz parte da dieta alimentar tradicional do povo urbano e, principalmente, dos ribeirinhos. Ao longo do tempo, o açaí na Amazônia foi passando de mera produção de subsistência para produção industrial em escala de exportação (PONTE, 2013).

Este fruto se tornou “um dos mais importantes produtos do extrativismo nacional e um dos principais responsáveis por dar visibilidade à biodiversidade da Floresta Amazônica” (CONAB, 2019, p. 1). Diante da sua valorização no mercado nacional e internacional, a produção do açaí tem aumentado e, com isso, a comercialização já extrapolou os limites das comunidades locais. De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento:

[...] desde a década de 90, impulsionado pelo advento da cultura fitness e de academia, o açaí ganhou status e fama, por suas propriedades antioxidantes, seu alto teor energético e também devido à presença da chamada “gordura boa” em sua composição, e hoje é incluído na categoria dos super alimentos. (CONAB, Companhia Nacional de Abastecimento, 2019, p. 1)

Assim como ocorre com outros recursos da floresta, o extrativismo do açaí é uma atividade em que várias populações dependem dessa extração como renda familiar. A atividade é intensa no período de safra e, sobre isto, a CONAB (2019, p. 1) afirma que: “a safra do açaí varia de acordo com a região. No Pará, principal produtor, o período de safra do açaí vai de agosto a novembro. No estuário amazônico o pico da safra ocorre no período de julho/agosto”.

É nesse período da safra do açaí que as famílias ribeirinhas apuram maior renda, ao venderem os frutos extraídos do quintal e da natureza no entorno, além da cultura da roça e dos igarapés, com a pesca. Nessa região, ainda é viva a prática do agricultor e extrator que usam as mais antigas e importantes atividades de toda a região amazônica (PONTE, 2013).

Além do período da safra, também se faz o manejo de açaizais no período da chamada entres-safra de frutos; é neste período que as famílias aproveitam para limpar os açaizais e esperam o período de coleta dos frutos durante a safra. Esse processo de manejo produz o palmito, produto extraído do interior das palmeiras mais antigas dos açaizais. A extração de palmito, que é um produto muito apreciado na culinária nacional e internacional, também tem gerado renda às famílias que extraem de sua propriedade, além de comerciantes que contratam a mão de obra de meninos (PONTE, 2013).

**Figura 1 - Trabalhador apanhando açaí**



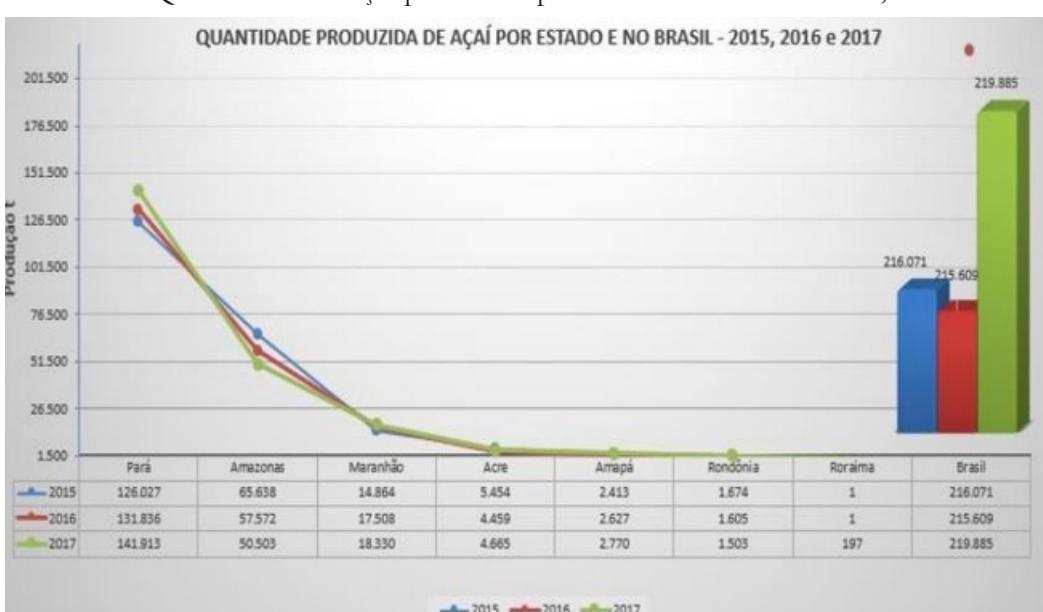
Fonte: acervo da autora, 2019.

A colheita do fruto do açaizeiro é realizada, em geral, por jovens escaladores, que atravessam de uma árvore para outra em uma única touceira<sup>2</sup>, sem precisar descer ao solo. Esses escaladores coletam de três a cinco cachos de uma só vez e suportam cargas de até 15kg, perfazendo uma jornada de trabalho de 6 a 8 horas diárias (PONTE, 2013).

Oliveira (2002) demonstra que a extração do fruto e do palmito do açaizeiro (*Euterpe oleracea Mart.*), associada aos ciclos fenológicos de floração e frutificação, provoca alternância na oferta desses produtos, resultando em oscilações no comércio interno. Já Jardim e Anderson (1987), ao analisarem o manejo de populações nativas no estuário amazônico, evidenciam que, em períodos de menor disponibilidade do fruto, a atividade econômica tende a se deslocar para o corte do estipe com fins de extração do palmito.

O açaí atualmente pode ser considerado um símbolo da Amazônia, seu consumo no Brasil e no exterior está crescendo rapidamente, pois essa fruta, além de saborosa, é repleta de benefícios nutricionais para a saúde. E os Estados que se destacam como maiores produtores de açaí são: o Pará e o Amazonas. O gráfico a seguir mostra os dados da produção de açaí por Estado no Brasil nos anos 2015, 2016 e 2017 (CONAB, Companhia Nacional de Abastecimento, 2019).

**Gráfico 1 - Quantidade de Açaí produzida por Estado no Brasil - 2015, 2016 e 2017.**



Fonte: CONAB (2019).

De acordo com a tese de Romero Ximenes Ponte (2013), o açaí surge como elemento identitário sub-regional que passou a contribuir com a identidade paraense, ou seja, o açaí é elemento cultural na alimentação do povo paraense; entre esses, há aqueles que tomam o açaí todos os dias. Mas o açaí tem conquistado uma boa parte dos brasileiros que não são naturais da Amazônia, e que têm inserido na sua dieta a ingestão do açaí como uma boa fonte de energia e outros nutrientes que colaboram para a manutenção da saúde.

A palmeira apresenta um ciclo de vida longa e, apesar do ciclo reprodutivo<sup>3</sup> que acontece o ano inteiro, o aumento de produção das flores ocorre no período das chuvas e, o dos frutos, na época de menor precipitação (JARDIM; ANDERSON, 1987).

<sup>3</sup> O ciclo reprodutivo compreende os processos de floração e frutificação.

**Figura 2 - Processo de Produção Artesanal do Açaí.**



Fonte: G1 Globo (2019).<sup>4</sup>

No Pará, principalmente na capital de Belém, nos municípios da região do rio Tocantins e na região do Marajó, o açaí é um dos componentes essenciais da dieta alimentar das populações de baixa renda. Daí sua importância em termos alimentares e econômicos, que, por certo, justifica o impacto da evasão na época de sua colheita no calendário escolar (AURIGLIETTI; LÖHR, 2014).

Ademais, das matas da Amazônia, são extraídos outros produtos como a farinha de mandioca, que é outro alimento fundamental no dia a dia do povo paraense e, por esse motivo, ao longo dos tempos, buscou-se melhoramento nas formas de plantio, uma vez que é por meio desse cultivo que se asseguram as bases da alimentação da comunidade. E esse cultivo da mandioca também possibilita a produção de outros alimentos além da própria farinha, pois dela derivam: o tacacá<sup>5</sup>, a macaxeira e a famosa maniçoba<sup>6</sup>, um dos mais importantes e conhecidos pratos da culinária regional paraense (AURIGLIETTI; LÖHR, 2014).

No processo de cultivo da produção de mandioca também ocorre regularmente a limpeza das roças, que é feita ao longo do ano pelos agricultores. Para fazer essa limpeza, nas pequenas propriedades geralmente são realizados mutirões entre os donos, mas, nas grandes propriedades, os donos destas acabam ofertando esse trabalho para as famílias da região, o que assegura uma renda a algumas dessas famílias. Porém, o público alvo desse trabalho acaba sendo formado principalmente por jovens estudantes, o que se configura em motivo da evasão escolar, principalmente dos alunos do sexo masculino (AURIGLIETTI; LÖHR, 2014).

Assim como a extração do açaí, a produção de farinha é uma atividade de importância inquestionável na vida das comunidades ribeirinhas, devido ambas as atividades fornecerem a principal fonte de alimento e, também, por proporcionar renda à essa população; pois, conforme Chaves (2004, p. 32): “O homem enquanto integrante da natureza subtrai dela as condições básicas para sua subsistência”.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2015/05/ribeirinhos-exibem-producao-de-farinha-e-acai-em-museu-do-amapa.html>>. Acesso em: 17 ago. 2019.>

<sup>5</sup> É um caldo, encontrado principalmente nos Estados da região norte do Brasil, preparado com a goma da mandioca, camarões, tucupi e temperado com alho, sal e pimenta, e no qual se adiciona jambu.

<sup>6</sup> Comida a base da folha de maniva, principalmente macaxeira; nela se adiciona: toucinho de porco, chouriço, charque e outras especiarias.



De acordo com Oliveira (2002), o açaí é o fruto de uma palmeira denominada açaizeiro (*Euterpe oleracea Mart.*), amplamente distribuída nas áreas de várzea da Amazônia, constituindo um produto de elevada relevância econômica, social e cultural. No Estado do Pará, maior produtor nacional do fruto, o açaí ocupa lugar central na organização da vida cotidiana e das estratégias de reprodução social dos segmentos amazônicos que habitam as regiões estuarinas.

Nesse contexto, a produção do açaí está diretamente condicionada aos ciclos fenológicos de floração e frutificação do açaizeiro, o que resulta em uma dinâmica sazonal da oferta do fruto (OLIVEIRA, 2002). Em períodos de menor disponibilidade, observa-se a intensificação de outras estratégias extrativistas, como o corte do estipe para a extração do palmito, prática amplamente documentada nos estudos sobre o manejo de populações nativas do açaizeiro no estuário amazônico (JARDIM; ANDERSON, 1987).

A sazonalidade do extrativismo do açaí impacta diretamente a organização do trabalho familiar e comunitário, exigindo maior mobilização de mão de obra nos períodos de safra. Essa reorganização do tempo produtivo interfere nas rotinas escolares, contribuindo para a ausência temporária ou definitiva de crianças e adolescentes das escolas, sobretudo em comunidades ribeirinhas, onde a economia doméstica depende fortemente da renda gerada pelo extrativismo. Assim, a evasão escolar passa a ser compreendida não apenas como um problema educacional, mas como uma expressão das desigualdades socioeconômicas e territoriais que estruturam a vida nos contextos amazônicos.

## 1.1. O Município Cachoeira do Arari no Contexto Amazônico

É notório que o extrativismo florestal contribui para o incremento econômico da região amazônica e, nesse ponto, a extração da madeira e do açaí representam uma parcela significativa dos produtos originários que são comercializados nesta região.

Pesquisas da Secretaria de Estado de Planejamento e Administração (SEPLAD) afirmam que a região Amazônica, bem como suas riquezas naturais, as belezas da fauna e flora, são palco da agricultura e do extrativismo. Diante disso, podemos destacar que município de Cachoeira do Arari/PA está inserido neste contexto e apresenta uma riqueza natural, e também possui grandes fazendas e diversas fontes de renda.

Em vista de sua grande população ser moradora da área ribeirinha, é da extração do açaí que vivem essas pessoas, sendo a principal atividade econômica no período da safra. Conforme M. Raimundo (70 anos), morador e coletor de açaí: Vale ressaltar que, em uma estimativa simples, “O município de Cachoeira do Arari (área ribeirinha) produz em média 500 toneladas do produto no período da safra”. É no período de safra do açaí que os donos de açaizais, bem como a população em geral, aumentam suas rendas e adquirem alguns bens materiais, melhorando assim as condições de vida das famílias.

## 1.2. A Comunidade de Gurupá no Município Cachoeira Arari-PA

A comunidade remanescente do Quilombo de Gurupá está localizada às margens direita do Rio Arari, onde faz fronteira com as comunidades de Santana do Arari, Tartarugueiro e Caracará.

**Figura 3 – Mapa da região onde está localizada a Comunidade de Gurupá, município de Cachoeira do Arari/PA.**



Fonte: Cartografia Social Comunidade de Gurupá, 2014.

Segundo a tradição dos relatos dos primeiros moradores da comunidade, o nome desta comunidade é referente à palavra “gurou”, usada quando algo dá errado.

De acordo com a Associação dos Remanescentes de Quilombo de Gurupá (ARQUIG), atualmente, a referida comunidade possui aproximadamente 750 famílias, distribuídas em cerca de cinco setores, onde estas famílias vivem basicamente do extrativismo, da caça e da pesca, sendo esses os seus meios de subsistência. E, nesse sentido, ressalta-se também que, diante das condições reais de baixa renda – isto devido a maior parte da população dispor de menos do que um salário mínimo (998 reais) –, muitas das famílias são inscritas em programas sociais, como o Seguro-Desfeso<sup>7</sup> e Bolsa Família<sup>8</sup>.

A comunidade também dispõe de duas escolas municipais: Escola Municipal de Ensino Fundamental Alto Gurupá, fundada em 1989, na gestão do Prefeito José Gomes de Moura, que atualmente possui 111 alunos, segundo dados apresentados pelo senso escolar da SEMED, e atende alunos do ensino infantil ao 3º ano do Ensino Fundamental.

A outra estrutura escolar presente na comunidade é a Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Leopoldina Miranda de Castro, fundada no ano de 1970, na gestão do prefeito Guilherme Costa, conforme consta na placa de inauguração da referida escola. Quanto à sua estrutura física, esta escola possui duas salas de aula, dois banheiros, e uma cozinha com um pequeno depósito.

<sup>7</sup> É o benefício de um salário mínimo que o pescador artesanal recebe no período que a pesca está suspensa durante quatro meses.

<sup>8</sup> Benefício do governo federal destinado às famílias de baixa renda

**Figura 4** - Imagens da Escola Fundamental Maria Leopoldina Miranda de Castro



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Atualmente, segundo a lotação dos funcionários do determinado ano, a escola possui no quadro funcional: dois professores, um efetivo e um contratado; três serventes, uma efetiva e duas temporárias; e um vigia. Quanto ao número de turmas, a escola funciona pela manhã, com uma turma do 4º ano, 22 alunos, e a tarde com uma turma do 5º ano, 36 alunos.

No mesmo ambiente também funcionam quatro turmas do Sistema de Ensino Rural Adaltno Paraense (SERAP), anexo da escola Adaltno Paraense, pelo fato da escola se localizar na sede do município e o governo não dispor de transporte escolar suficiente para o deslocamento até a zona urbana.

Trabalham na docência 10 professores de disciplinas específicas, atendendo as turmas do 6º ao 9º ano, com 76 alunos, nos quais 40 são meninas e 36 são meninos.

## 2. O Tempo da Safra do Açaí e Evasão Escolar.

De acordo com nossa pesquisa, realizada com 10 jovens de 11 a 18 anos e residentes em Gurupá, 100% abandonaram os estudos aos 7 anos pra ingressarem no trabalho da colheita do açaí. Eles também alegam que não voltaram a estudar devido terem dificuldades e falta de incentivo para aprender, como nos relataram alguns estudantes que estão em situação de evasão escolar.

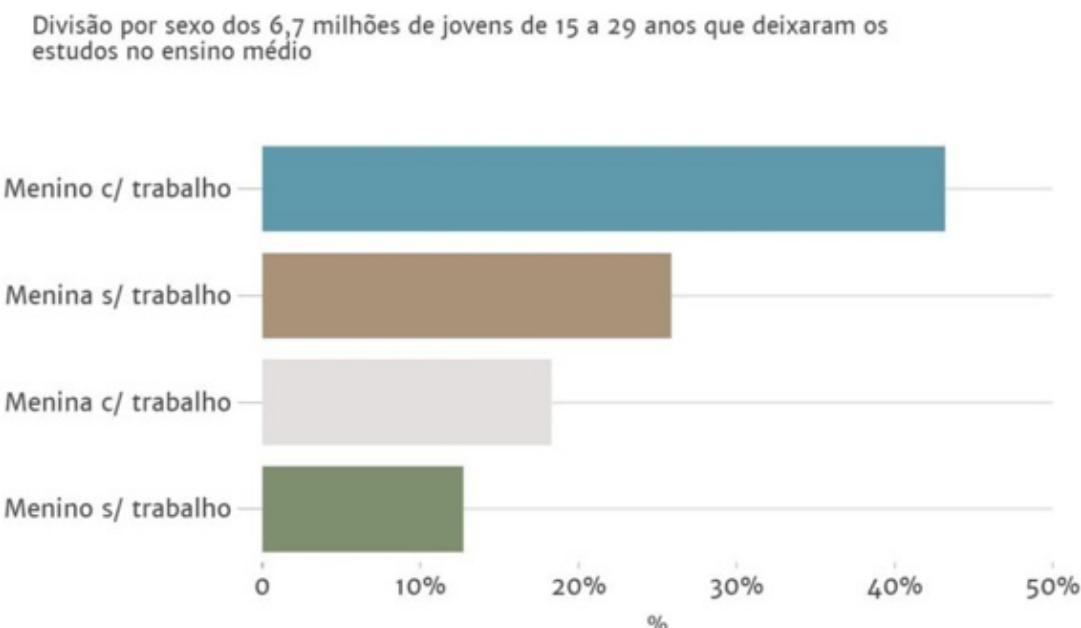
O que chama atenção na relação entre o cultivo/extracção do açaí e a escola são as consequências que resultam em um processo de evasão escolar que atinge grande parte das crianças e adolescentes, como é percebido na atual realidade da comunidade de Gurupá em Cachoeira do Arari/PA.

Diante dessa realidade, algo que nos chama atenção é que essa evasão escolar ocorre principalmente com os alunos do sexo masculino. Por quê? Acredito que os meninos são maioria a enveredarem para este caminho pelo fato de, geralmente, possuírem mais força física em comparação com as meninas. Isso influencia diretamente no estabelecimento da relação destes estudantes

com o mundo do trabalho, pois, na maioria dos casos, os trabalhos são mais voltados à questão do trabalho braçal. E, além disso, muitas vezes exige o deslocamento para regiões mais longínquas, o que favorece ainda mais a evasão.

Apesar de não ter encontrado dados que tratem do ensino fundamental, os dados do ensino médio, como consta o gráfico a seguir, nos ajuda a compreender um pouco dessa relação entre evasão escolar e o sexo dos estudantes, destacando o sexo masculino (FERREIRA, s.d.).

**Gráfico 2 - Jovens do ensino médio incompleto e fora da escola - Brasil.**



Fonte: Levantamento do Instituto Unibanco, com dados da PNAD, 2015 (FERREIRA, s.d.).

Ainda hoje, a comunidade não dispõe de escolas técnicas, que contribuíam para que muitos desses alunos, com idade para tal, pudessem conciliar trabalho e sala de aula. Além disso, esta realidade nos revela a falta de políticas públicas que garantam a permanência das crianças e adolescentes nas escolas. Inclusive, ao analisar as frequentes desistências juntamente com a direção da escola Maria Leopoldina Miranda de Castro, observamos que há evasão escolar na mesma e, ainda, o índice de evasão escolar é maior para com alunos negros e filhos de pais separados (Pesquisa de campo realizada junto à direção da Escola Maria Leopoldina Miranda de Castro, 2019).

Mediante inúmeros estudos realizados por educadores do mundo todo, Brandão, Bianchini e Rocha (1983, p.45) acharam a seguinte explicação para a problemática: “Os alunos de nível socioeconômico mais baixo têm um menor índice de rendimento, portanto, são mais propensos à evasão”. E, de certo modo, estes autores nos confirmam esta triste realidade que também é presente em nossa comunidade local escolar.

Wanderley (2007), referindo-se à adolescência, afirma que essa fase do ciclo da vida se caracteriza fortemente pela a transição entre a infância e a idade adulta. Outros sociólogos acrescentam que os limites entre uma fase e outra são geralmente demarcados pelo início da atividade de trabalho para seu sustento, fase final da formação educacional básica, saída de casa paterna, constituição da própria família, ou, mais usualmente, pelos limites de faixas etárias reconhecidas de formas diferenciadas entre as sociedades (WANDERLEY, 2007; BRUNER, 2007; CARNEIRO, 2007).



Conforme citado acima e a base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2004 a 2006, Neri (2009) aponta entre as causas da evasão escolar: a falta de escolas, necessidade de renda e trabalho, falta de interesse do aluno e outros.

Mesmo diante de todos esses fatores encontrados pelos ex-alunos – como adolescentes e jovens que tiveram suas vidas bruscamente modificadas pelos acidentes e, em alguns casos, a óbitos –, ainda há quem prefira esta rotina (apanhador de açaí), pois nela encontram a melhor forma de subsistência familiar, tendo em vista que, para eles, não há outra alternativa.

Vejamos a seguir o depoimento de um coletor que faz parte dessa triste realidade que é a evasão escolar:

Meu nome é João Carlos Rodrigues Ferreira, tenho 16 anos e resolvi parar de estudar porque pra mim dava mais futuro apanhar açaí, do que estudar. Até aqui o estudo dava um pouco de futuro, só que tinha um detalhe: eu não conseguia ler direito. Tinha muita coisa que eu errava muito, porque um professor mandava eu ir na frente pra responder as perguntas e eu não conseguia. Eu enforquei o estudo porque apanhar açaí dava mais dinheiro do que estudar. Até hoje eu num me arrependi de ter largado. Além de que a gente se arrisca, eu já caí da açaizeira quatro vezes, mas ainda tô vivo. Eu pretendo continuar apanhando açaí até quando eu tiver condição, só tenho muito medo de acontecer comigo, o que aconteceu com alguns dos meus amigos que quebraram a coluna e ficaram de cadeia de rodas, a gente se arrisca muito apanhando açaí e ainda tem as mordidas de cobras. Aqui a gente se arrisca eu já fui mordido por cobra. (João Carlos, OUTUBRO, 2018)

## 2.1. O Açaí e os Acidentes de Percalço

Ao observarmos o depoimento do entrevistado e baseando-se nas citações, podemos verificar que, mesmo sendo consciente de todo e qualquer risco à saúde e à vida que eles enfrentam durante a safra do produto, ainda preferem optar por tal atividade econômica, sendo, em muitos casos, sua única fonte de renda.

O extrativismo para esses alunos já mencionados acabam acarretando sérios problemas de saúde para os apanhadores que fazem a extração do produto ainda de forma artesanal, correndo grandes riscos de saúde e vida, pois os fatos mostram que muitos acabam tendo suas vidas interrompidas prematuramente nesta atividade.

Nossa comunidade, infelizmente, é palco dessas tragédias que assolam a região amazônica, dentre as quais podemos citar a situação do apanhador Jefferson da Silva Amador que, no dia 07 de junho de 2018, caiu de uma palmeira. Nesta ocasião, o tronco da árvore quebrou e o jovem, que caiu sentado, ficou sem condições de se locomover. Neste momento, contou com a ajuda de seu companheiro de trabalho, que o ajudou a levantar, indo chamar outras pessoas para carregá-lo, porque o açaizal ficava muito longe de casa.

O acidentado ficou vários dias no Hospital Metropolitano do Pará quando foi diagnosticado com uma lesão na terceira vértebra de sua coluna, impedindo-o de andar durante oito meses, somente após várias cirurgias e inúmeras sessões de fisioterapias, voltou a andar. Segundo Jefferson, ele voltou a andar com dificuldades, mas não consegue mais trabalhar na extração do açaí, pois não

## SEÇÃO 2

consegue realizar nenhuma atividade brusca, o que o impossibilita de realizar atividades deste tipo para sustentar sua família.

O terceiro caso de extrema relevância é do jovem Jailson Cardoso de 18 anos que, no dia 10 de janeiro de 2019, sofreu uma queda de açaizeiro, ficando em estado gravíssimo. Após ser encontrado desmaiado por seus amigos de trabalho, foi levado de ragenta<sup>9</sup> até a sede do município de Choeira do Arari onde obteve os primeiros atendimentos na unidade mista de saúde municipal, mas sem sucesso, pois a gravidade apontada no diagnóstico inicial direcionou sua rápida transferência para o Hospital Metropolitano na capital do Estado, onde ele permanece internado há sete meses.

Após vários exames, diagnosticou-se que o mesmo sofreu fraturas na coluna na região cervical (c6 e c7), e fratura na clavícula. Ele já passou por duas cirurgias, mas a equipe médica não deu certeza se voltará a andar, pois o estado de saúde dele ainda é muito grave, necessitando de inúmeras sessões de fisioterapia com o objetivo de tentar adaptá-lo ao convívio familiar.

Segundo relatos da família, eles estão necessitando de uma outra casa para que, assim que ele tenha alta do hospital, possa morar um ambiente onde se sinta bem, já que a casa da família é pequena, não tem estrutura e precisa de adaptação para essa nova realidade. A imagem a seguir mostra Jailson no leito do hospital.

**Figura 5 –** Jailson Cardoso, 18 Anos, no leito do hospital, 2019.<sup>10</sup>



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019.

<sup>9</sup> Embarcação de pequeno porte bastante utilizada nas regiões ribeirinhas.

<sup>10</sup> **Nota ética:** As pessoas entrevistadas neste trabalho autorizaram, de forma consciente, o uso de suas falas e imagens. Comprometo-me, como pesquisadora, com a responsabilidade ética de preservar o sentido de suas narrativas e o respeito à sua dignidade, conforme estabelece a legislação brasileira sobre uso de imagem e som em pesquisa, especialmente a Resolução nº 510/2016 do CNS.

**Figura 6** - Jailson Cardoso, 18 Anos, no leito do hospital, 2019



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019.

### **3. A Escola e as Famílias Comunitárias: um elo para contornar a evasão escolar**

A escola possui o papel transformador na vida das pessoas e também na sociedade, o que possibilita aos sujeitos conquistarem o direito da cidadania (KRUPPA, 1994). Nessa perspectiva, a escola se apresenta como uma instituição social que pode possibilitar o cidadão a se tornar crítico, através do ensino formal e intelectual que objetive a evolução do indivíduo no seu meio. De acordo com Haddad *et al.* (2011, p. 276), “a escola tem um papel fundamental para a mudança das condições de desigualdade, pois é pelo acesso ao conhecimento que a classe trabalhadora poderá mudar sua condição de exploração”. Por outro lado , dentro do contexto social , constata-se que o sistema educacional acaba por absorver a desigualdade presente na sociedade, afinal, como observa Kruppa (1994), " a evasão e a repetência somam-se ao trabalho precoce, o discurso governamental que afirma: a escola para todos, observa a travessia escolar da população de baixa renda" (p.85). Nessa direção, quem dispõe de maiores recursos financeiros acaba por estudar durante mais tempo e, muitos daqueles de renda familiar menor, acabam tendo dificuldade em permanecer estudando e abandonam a escola.

Para compreender a escola é preciso também entender a palavra cultura, isto é, o conjunto de costumes dos modos de viver, de vestir, de morar, de pensar e das expressões de linguagem, dos valores de um povo de diferentes grupos sociais. Então, diante da situação econômica de baixa renda, muitos alunos deixam de frequentar a escola para trabalhar e ajudar seus pais no sustento daquela família.

## SEÇÃO 2

Nesta direção, para evitar esta evasão escolar, é preciso que haja políticas públicas de enfrentamento deste problema, que possibilitem um apoio concreto a esses estudantes dos setores mais desfavorecidos. Uma estratégia da Secretaria de Educação pode ser a adequação do calendário escolar de acordo com a safra do açaí, para que esses alunos não sejam prejudicados nesse período. Essa adaptação pode ser uma ação importante para coibir a evasão, e possibilita os educandos conciliarem o trabalho e a escola.

Na Amazônia ribeirinha, observa-se pouco as ações do poder público voltadas para as famílias de baixa renda, com objetivo de superar o trabalho infantil nessa região, pois, se houvessem, certamente muitas crianças passariam a se dedicar somente à escola. E o peso da desigualdade social nessas áreas é maior, pois a maior parte dessa população sobrevive do extrativismo do açaí, da agricultura e da pesca, e, na Comunidade de Gurupá, município de Cachoeira do Arari/PA, não é diferente. A maioria dos ribeirinhos da comunidade de Gurupá vive da extração dos frutos do açaizeiro, da pesca artesanal e da caça.

De acordo com Pinheiro *et al.* (2008) e Pinheiro (2009), entre os fatores que levam a evasão escolar e retenção dos alunos ribeirinhos destacamse a colheita dos frutos de açaí, a estrutura familiar, as políticas de governo, o desemprego, a desnutrição, as doenças endêmicas, além do currículo urbano à realidade ribeirinha. (FERREIRA, 2019, p. 57)

A educação acontece na vida das pessoas de forma ininterrupta e em todos os lugares onde estejam. Sabemos que o ser humano não nasce com sua capacidade de pensar totalmente desenvolvida, é ao longo do tempo de sua vida que ele vai adquirindo conhecimento pelas relações que estabelece com outro ser humano. Contudo, a educação é um direito, e um direito de todos, outorgado pela legislação brasileira, no entanto nem todos têm condições de acesso e permanência a uma educação de qualidade, e a sociedade brasileira é um exemplo típico dessa desigualdade.

Vale ressaltar que a escola tem suma importância na educação de um indivíduo pois faz a transmissão contínua de conhecimento científico, a educação é um direito de homens e mulheres de ter acesso a um local onde possam aprofundar conhecimentos já obtidos pelo desenvolvimento das ciências.

Para tanto, a educação visa transmitir ao indivíduo o patrimônio cultural para integrá-lo na sociedade ou grupo onde vive.

Para Durkheim, a educação tem a função fundamental de conservação da sociedade: ela tem por objeto superar ao ser que somos ao nascer, individual e associativo, um ser inteiramente novo. (KRUPPA, 1994, p. 60).

Diante desse contexto, segundo texto da UNESCO (1990, artigo 1, p. 2), “cada pessoa-criança, jovem ou adulto deve estar em condições de aproveitar as oportunidades educativas voltadas para satisfazer as suas necessidades básicas de aprendizagem”. Tudo isso deixa evidente que a família, a sociedade e o Estado devem agir para a superação desse problema educacional que é a evasão escolar, de modo a possibilitar o retorno e a permanência escolar de todas as crianças e adolescentes, dando-lhes meios para que não haja necessidade de deixarem o local de ensino para ajudarem os pais no sustento da família.



#### **4. Como Contornar a Evasão Escolar em Tempo de Produção Quilombola? Alguns Apontamentos para Construções de Etnocurrículos para Pedagogias Quilombolas e Ribeirinha**

Entendemos que, para que não haja evasão escolar no tempo de produção do açaí, o currículo da escola precisa ter e criar sentido para quem a está vivenciando, a escola tem que colocar no currículo metodologias atrativas para esses alunos que se afastam no período desse extrativismo, que é de agosto a dezembro, nessa época, por mais que eles não estejam em sala de aula, ao retornar, esses alunos trarão experiências que vivenciaram em seus trabalhos. O professor pode desenvolver atividades para com que, quando voltem, falem, por exemplo, sobre o solo as árvores, assim trabalhando a geografia; também podem fazer a conta de quantas rasas de açaí apanham por semana, assim já trabalhando com a Matemática. Então os mesmos estarão trazendo pra dentro de sala de aula sua vivência de trabalho, até porque o extrativismo do açaí na comunidade quilombola de Gurupá e nas comunidades ribeirinhas vizinhas é uma cultura do lugar. Cabe à escola procurar buscar metodologias mais voltada para a realidade desse público, como, por exemplo, rodas de conversa, reportagens com o tema da agricultura familiar. Assim, para que não haja evasão, o currículo escolar tem que ser adequar à vivência e às especificidades do local em que a escola está inserida, preparando professores para receber esses alunos. Com base nessa convicção, a pedagógica quilombola precisa ter a cultura local como eixo sustentável, de modo que os elementos que estamos destacando aqui estejam intrínsecos à ancestralidade e à cultura do quilombola de Gurupá. Não se trata de uma pedagógica para quilombolas e ribeirinha, mas de saberes pedagógicos já vivenciados pelos quilombolas nas suas experiências de trabalho cotidiano, de acordo com pensamentos de Freire (1987) e o Conselho Nacional de Educação (2012).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste estudo, foi realizada uma discussão entre a evasão escolar e o extrativismo do açaí que permeiam as relações socioeducacionais e afetam diretamente a vida da população ribeirinha na Amazônia, especialmente na Comunidade de Gurupá, em Cachoeira do Arari/PA. E, para fazer esta discussão, fizemos uma imersão em alguns teóricos, assim com obtivemos também alguns depoimentos de ex-alunos que puderam nos ajudar a entender melhor estas relações.

A comunidade remanescente de quilombo de Gurupá, por se localizar numa área ribeirinha, sobrevive da coleta do açaí, que serve de alimentação e fonte recurso econômico. Neste sentido, diante da grande importância que o açaí tem na vida dos moradores desta comunidade, ele não pode continuar sendo um problema na educação dos jovens e crianças deste local.

Com isso, chegamos à conclusão propositiva de que, além dos gestores educacionais pensarem na possibilidade de adaptar o calendário escolar nesse período de safra, também é necessário que nossos governantes criem políticas públicas voltadas para a solução deste problema complexo, visto que a evasão escolar nas áreas ribeirinhas está intimamente relacionada à situação econômica de baixa renda de muitas famílias que sobrevivem basicamente da renda do extrativismo do açaí.

Além do Estado buscar fazer sua parte, para esta realidade mudar, também é preciso que as famílias desses alunos exerçam seu papel incentivando os estudos de seus filhos desde as séries iniciais (educação infantil), conscientizando sobre a importância dos estudos em suas vidas.

Portanto, o desafio de recuperar os jovens que desistem da escola e superar essa realidade da evasão escolar também significa tirar crianças e jovens dos riscos à vida e à saúde que estão envol-

vidos no trabalho da extração do açaí, pois, infelizmente, esta atividade tem feito vítimas, dentre elas os ex-alunos que evadiram da escola.

### REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria do Socorro Alencar Nunes de; MAUÉS, Olgaíses Cabral. *Educação, políticas públicas e exclusão escolar na Amazônia*. Belém: EDUFPA, 2013.
- AURIGLIETTI, R. C. R.; LÖHR, S. S. *Evasão e abandono escolar: causas, consequências e alternativas: o combate a evasão escolar sob a perspectiva dos alunos*. 2014. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos\\_pde/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_ufpr\\_ped\\_artigo\\_rosangela\\_cristina\\_rocha.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos_pde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_ufpr_ped_artigo_rosangela_cristina_rocha.pdf)>. Acesso em: 27 ago. 2019.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Presidência da República. 5 de outubro de 1988. Brasília, DF. 1988.
- BRANDÃO, Zaia. *et al.* O estado da arte da pesquisa sobre evasão e repetência no ensino de 1º grau no Brasil. In *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 64, nº 147, maio/agosto 1983, p. 38-69
- BRUNER, Jerome. *A cultura da educação*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CARNEIRO, Maria José. *Juventude rural: projetos e valores*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- CHAVES, Iara. *Educação ambiental: fundamentos, práticas e desafios*. Belém: UFPA/EDUFPA, 2004.
- CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. *Relatório Mensal*. março 2019. Disponível em: <[https://www.conab.gov.br/info-agro/analises-do-mercado-agropecuario-e-extrativista/analises-do-mercado/historico-mensal-de-acai/item/download/25312\\_2335ac0327e-2c3b9ea5997c46bea0b09](https://www.conab.gov.br/info-agro/analises-do-mercado-agropecuario-e-extrativista/analises-do-mercado/historico-mensal-de-acai/item/download/25312_2335ac0327e-2c3b9ea5997c46bea0b09)>. Acesso em: 26 ago. 2019.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Presidência da República. Brasília, DF. 1996.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Estatuto da Criança e do Adolescente, Câmara dos Deputados*, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Parecer CNE/CEB nº 16/2012, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola*. Brasília: CNE/CEB, 2012.
- FERREIRA, Edilcina Monteiro. *Entre o Campo e a Cidade: o Jovem ribeirinho e suas relações com o processo de migração na Região das Ilhas de Abaetetuba/PA*. 92 p. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Dissertation apresentada para obtenção do grau de Mestre em Familiares e Desenvolvimento Sustentável) Universidade Federal do Pará, Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares, Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Belém, 2019.
- FERREIRA, Lola. *Meninas são mais do que dobro de meninos entre jovens fora da escola e sem atividade remunerada. Gênero e Número*. s.d. Disponível em: <<http://www.generonumero.media/meninas-sao-mais-do-que-o-dobro-dos-meninos-nos-jovens-que-nao-completaram-ensino-medio-e-nao-exercem-atividade-remunerada/>>. Acesso em: 05 set. 2019.



- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HADDAD, C. R.; FRANCO, A. F.; SILVA, D. Os motivos da evasão escolar: uma análise do Programa FICA. In: *X Congresso Nacional de Educação EDUCERE 2011, 2012*, Curitiba. *Anais... X Congresso Nacional de Educação EDUCERE 2011*. p. 275-286.
- JARDIM, M. A. G.; ANDERSON, A. B. (1987). Manejo de populações nativas de açaizeiro (*Euterpe oleracea* Mart.) no estuário amazônico: resultados preliminares. *Boletim de Pesquisa Florestal, Colombo*, n. 15, p. 1-18, dez. 1987.
- KRUPPA, S. M. P. *Sociologia da educação*. São Paulo: Cortez, 1994.
- LIMA, E. N. Escola Família Agrícola: um novo paradigma de educação rural. *Revista Trilhas*, Belém, v. 5, p. 47-58, 2005.
- LOUREIRO, Violeta Rafhalefshy. *Amazônia: história e análise de problemas do período da borracha aos dias atuais*. Belém: Distribel, 2002.
- MAES, J. *Evasão escolar é um dos principais problemas da educação no Brasil*. Gazeta do Povo, 28 abril 2019. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/educação/evasao-escolar-e-um-dos-principais-problemas-da-educacao-no-brasil/>>. Acesso em: 20 ago. 2019.
- NERI, M. *Tempo de permanência na escola*. Rio de Janeiro. FGV/IBRE, CPS, 2009. Disponível em: <[http://www.cps.fgv.br/ibrecps/rede/finais/Etapa3Pesq\\_Tempode\\_PermanenciaNaEscola\\_Fim2.pdf](http://www.cps.fgv.br/ibrecps/rede/finais/Etapa3Pesq_Tempode_PermanenciaNaEscola_Fim2.pdf)>. Acesso em: 27 ago. 2019.
- OLIVEIRA, Maria do Socorro Padilha de. *Fenologia e produção do açaizeiro (*Euterpe oleracea* Mart.) em áreas de várzea do estuário amazônico*. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2002.
- OLIVEIRA, P. S. Introdução à Sociologia. 17 ed. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1996.
- ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA - Unesco. *Declaração Mundial sobre Educação para Todos (Conferência de Jomtien)*. Tailândia: Unesco, 1990. Disponível em: <[www.unesco.org.br/publicação/doc-internacionais](http://www.unesco.org.br/publicação/doc-internacionais)>. Acesso em: 15.dez. 2025.
- PONTE, R. X. 2013. *Assahy-yukicé, iassai, oyasai, quasey, açay, Jussara, manacá, açaí, acay-berry: rizoma*. 163 p. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.
- RUZANY, Maria Helena, MOURA Edila Arnand, MEIRELLES, Zilab Vieira. *Adolescentes e jovens de populações ribeirinhas na Amazônia – Brasil*. Rio de Janeiro: Visão Social, 2012.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Juventude rural: vida e trabalho no Brasil. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 5–30, 2007.

